

DESENCONTRO



EDUARDO BENEDITO DA COSTA

E.E.M. FRANCISCO VIEIRA CAVALCANTE

CAPÍTULO I: 1937, 22 DE ABRIL O COMEÇO: O VALE DA PERDIÇÃO.

O desencontro em si começou quando seu Erudito, Divina, Odisseia e Aventura saíram de Desantino do Sul, na hora em que o galo cantou, de manhã bem cedo ainda.

Assim que arrumaram as tralhas, Divina e Odisseia deram um último adeus para as festas; Aventura deu graças a Deus e a família seguiu seu caminho. Odisseia ia arrancando os cabelos; Divina provocando tropeções nos outros e Pilhério foi cantando canções de ninar para os perigos dormirem.

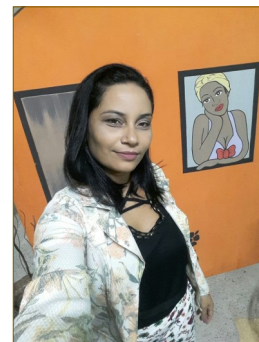
No começo do caminho, tudo ia bem, tudo tranquilo. Faltava pouquinho pra chegar. Ai meu Deus, que coisa boa. Mas o problema se deu ali no

meio do mundo, e era um problema intransponível. Uma ponte tinha caído...

Não era a toa que aquele lugar se chamava Vale da Perdição. Dá pra imaginar como eles perderam a graça e o sentido? Talvez não. A tristeza que o coração de Aventura sentiu quando viu a ponte caída e um rio passando lá em baixo foi grande.



“O desencontro em si começou quando seu Erudito, Divina, Odisseia e Aventura saíram, de Desantino do Sul, na hora em que o galo cantou, de manhã bem cedo ainda.”



A professora Mazé.

A professora Maria José do Nascimento Pereira - ou simplesmente Mazé, como gosta de ser chamada, é professora de português do estado do Ceará há 12 anos. Tem licenciatura plena em letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.

CAPÍTULO II: 1937, 02 DE MAIO. SÓ PROBLEMAS E MAIS PROBLEMAS! POR QUE “SENHOR“ ?!?!

- E agora? Minha nossa senhora do meu amor! Está lá longe! Como vou atravessar para o outro lado? Perguntou Aventura.

- Impossível Aventura. Disse seu Erudito.

Com a ponte derrubada, não havia como seguir caminho. E ela - Aventura -

sentiu uma coisa que só podia chamar-se desespero, dentro dela, apenas de remoer a hipótese de se desencontrar do amor dela, Doravante.

Dois rapazes, desolados com a tragédia, arrancavam seus milhões de fios de cabelos, enquanto tentava

acender uma fogueira. O Carvão estava molhado...



“O talento dele me encantou, me contagiou. Descobri-o agora no 1º ano e simplesmente não posso fazer de conta que não o enxerguei.”
Professora Mazé

DESENCONTRO

CAPÍTULO III: 1927, 03 DE MAIO. IMPREVISTO E PORACASO.

Foi – Uma – Chuva – Forte – Chegou – Aqui – Ontem – Desaguiu – Tudo – E – Seguiu – Pro – Norte. Explicou os dois rapazes, lamentavelmente em versos, enquanto apontavam seus quatro braços, suas quatro mãos e seus vinte dedos para o lado da ponte que tinha caído.

- Que desgraça, que “infortúnio”, que azar infeliz era aquele, como é que podia ter ocorrido

algo tão terrível? Perguntou Aventura aos prantos.

O jeito era reconstruir a ponte, não havia outro. Imprevisto e Poracaso (esses eram os nomes dos dois rapazes) se dispuseram a começar a trabalhar na reconstrução da ponte naquele mesmo dia e ofereceram o curral onde moravam, atrás da casa da patroa, para hospedar a família.



Foi – Uma – Chuva – Forte – Chegou – Aqui – Ontem – Desaguiu – Tudo – E – Seguiu – Pro – Norte...

“Seu Erudito ficou desconfiado com tanta gentileza. Ninguém faz dois favores de lá pra cá, sem favor de cá pra lá, nos dias de hoje”.

CAPÍTULO IV: 1937, 03 DE MAIO. UMA DESCONFIANÇA CERTA.

Seu Erudito ficou desconfiado com tanta gentileza. Ninguém faz dois favores de lá pra cá, sem favor de cá pra lá, nos dias de hoje. Vai ver era por isso que ele preferia os personagens (Quanta descrença no ser humano). Pilhério lembrou que existem seres dignos no mundo...

- Por exemplo...

E fez uma lista que incluía alguns gênios, alguns heróis, alguns poetas e alguns românticos.

A família agradeceu muito o favor e aceitou a hospitalidade dos rapazes.

Odisseia sentia algum medo de morar atrás daquela velha misteriosa. Por outro lado, estava bastante interessada em ficar tão perto de Poracaso.

- E se acontecer alguma desgraça com a gente? Perguntou Odisseia.

- Eu acho que já aconteceu. O amor tem suas graças e suas desgraças...

ças...

Disse Divina, olhando apaixonadamente para Imprevisto...

E essa foi uma das frases sérias ou metidas à besta que ela formulou em toda sua história.



DESENCONTRO

CAPITULO V: 193, 01 DE JUNHO. O BILHETE.

Aventura escreveu um bilhete, explicando o atraso e chamou Pilhério, o Papagaio.

- Vá voando a Desantino do Norte e entregue isso para Doravante.

Disse Aventura. Mas o intrometido do Pilhério fez questão de ler o bilhete antes.

- Você sabia que existe uma coisa chamada pontuação sua burra?

Perguntou o papagaio.

- Doravante não liga pra essas coisas. Disse Aventura.

- Pelo contrário – observou Divina.

Como é que eu, pessoa tão letrada, virei portador de bilhete mal escrito pra marmanjo?

Perguntou o papagaio Pilhério.

- Você não é pes-

soa, é papagaio! e vá logo! Disse Divina.

E lá se foi Pilhério, voando, com o objetivo de entregar o bilhete a Doravante.

- Dê um milhão de beijos nele por mim! – Aventura gritou de longe.

E lá se foi Pilhério com o objetivo de entregar o bilhete e um milhão de beijos a Doravante...



Como é que eu, pessoa tão letrada, virei portador de bilhete mal escrito pra marmanjo?

CAPITULO VI : 1937, 02 DE JUNHO. SENTIMENTO DE CULPA.

Quando Pilhério não voltou de Desantino do Norte no dia seguinte, Odisseia ficou preocupada.

- E se alguma desgraça aconteceu com ele? Indagou Odisseia. Divina até achou graça, e disse:

- O descarado está namorando por aí. Lembra quando ele ficou uma semana desaparecido, em plena Floresta Amazônica, namorando todas as papa-

gaias que existem na fauna? Mas Aventura se sentia culpada.

- Eu mandei um milhão de beijos para Doravante, e essas coisas demoram! Foi isso! Disse Aventura.

As três irmãs aguardaram ansiosas o dia todo, em cima da figueira e, nada. O dia raiou e Odisseia chorou. Divina sustentou que ele devia estar namo-

rando no caminho e perdeu a hora. Aventura argumentou que ele poderia ter resolvido ficar em Desantino do Norte, entregando, beijo por beijo, os beijos que ela mandou para Doravante, enquanto esperava o resto da família.

Seu Erudito é que não se conformava com a falta de Pilhério, nem com aquela vida parada, o bicho andador que morava dentro dele era realmente muito agoniado.

SEU ERUDITO É QUE NÃO SE CONFORMAVA COM A FALTA DE PILHÉRIO, NEM COM AQUELA VIDA PARADA, O BICHO ANDADOR QUE MORAVA DENTRO DELE ERA REALMENTE MUITO AGONIADO.

CAPITULO VII: 1938, 04 DE JANEIRO. AVENTURA GRÁVIDA?!

O jeito era andar em círculos. Odisseia, Divina e Aventura faziam novenas para Pilhério voltar, arrumavam o curral, nove dias, lavavam roupas, mais nove dias, faziam café, almoço e janta. Falavam conversas de moças. Haja novena, e a barriga de Aventura crescia. No começo ainda deu pra disfarçar, mais logo as duas irmãs, que não eram tontas e nem bestas, começaram a desconfiar que iam ser tias.

Um dia seu Erudito, que não pen-

sava em outra coisa a não ser em Pilhério, olhou para Aventura e perguntou:

- Você comeu uma melancia? Ia ser avô! Nem acreditava. E aquele papagaio nunca chegava...

Aventura mudou de assunto:

- Será que ele ao menos entregou o bilhete? Ninguém jamais colocou a culpa do sumiço do Pilhério em Aventura, para o bebê não nascer culpado. A simples lembrança do papagaio provocava demolições de felici-

dade em todos.

Por isso evitavam falar em Pilhério. Enquanto as moças faziam o enxoval do bebê, Imprevisto e Poracaso reconstruíam a ponte. Faziam isso escondidos da estranha dona da casa, que não queria ver seus empregados trabalhando para os outros. Graças a Deus ela nunca deu as caras, estava ocupadíssima ganhando todas as partidas de baralho que jogava.

Aquela velha nunca tinha tido tanta sorte...

DESENCANTO

CAPÍTULO VIII: 1938, 31 DE JANEIRO. A TRAMA DESCOBERTA

Novena disse, novena daquilo, novena daquilo outro e a ponte não ficava pronta.

A razão disso é que a gentileza de Imprevisto e Poracaso foi desvirando de amizade e foi virando interesse, que virou exagero, que virou paixão mesmo.

Eles então resolveram desconstruir a noite o que tinham construído de

dia, só para Divina e Odisseia não irem mais embora. Estava ótimo daquele jeito...

Na hora do jantar, todos em volta da fogueira...

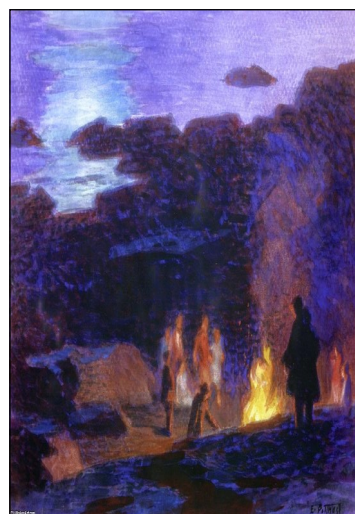
Ah! aqueles dois nunca foram tão felizes. Foi nisso e naquilo até que seu Erudito começou a achar meio estranho.

- Tudo que vocês fazem de dia, desfazem a

noite! Por quê?

Perguntou seu Erudito.

Atribuía o fato a outro personagem, amigo seu que adorava pregar peças nos outros. Depois se conformava e continuava a andar em círculos enquanto Imprevisto e Poracaso recomeçavam a construir tudo de novo, todo dia.



Na hora do jantar, todos em volta da fogueira...

CAPÍTULO IX : 1938, 17 DE FEVEREIRO O QUE NÃO SE FAZ POR AMOR?

Os meses passavam e nada de Pilhério, e a barriga de Aventura crescia, Divina e Odisseia pensavam em casamento, e os dois cada vez mais apaixonados, e seu Erudito andava em círculos. Se Aventura não tivesse chegado à janela naquela noite para chorar para lado de fora, um choro

de saudades de Doravante nunca teria descoberto que Imprevisto e Poracaso desmontavam a ponte.

- Que decepção! Tenho dito e pronto!

Seu Erudito deu um berro. Os dois se defenderam:

- Fiz tudo isso para ficar perto de Odisseia!

Disse Poracaso. Ainda defenderam suas atitudes como “românticas” e “poéticas”, tudo isso em versos, aí questionaram, olhando para as amadas:

- O que não se faz por amor?

AINDA DEFENDERAM SUAS ATITUDES COMO “ROMÂNTICAS” E “POÉTICAS”, TUDO ISSO EM VERSOS, AÍ QUESTIONARAM, OLHANDO PARA AS AMADAS:
O QUE NÃO SE FAZ POR AMOR?

CAPÍTULO X: 1938, 17 DE FEVEREIRO. UM BREVE FIM

Seu Erudito observou que o verbo fazer estava mal-empregado naquele caso, pois tudo que eles fizeram, desfizeram depois. Eles perguntaram de novo:

- O que não se faz por amor?

Mais seu Erudito não queria saber de “amor” coisa nenhuma. Seu Erudito estava furioso.

Imprevisto e Poracaso resolveram refazer a ponte em duas horas apenas, para desfazer o mal que tinham feito. Agora era fazer de dia o que tinha desfeito de noite...

Agora é só esperar! Será que

este é o fim?

ELES PERGUNTARAM DE NOVO:

- O QUE NÃO SE FAZ POR AMOR?

MAIS SEU ERUDITO NÃO QUERIA SABER DE “AMOR” COISA NENHUMA. SEU ERUDITO ESTAVA FURIOSO.



Nosso jovem escritor.